Anno de 1847. Sexta-feira 23 de Abril. Annõ XXIII. N. 91.

O *DIARIO* publica-se todos os dias, que não forem de guarda: o preço da assignatura he de 4$000 rs. por quartel, *pagos adiantados*. Os annuncios dos assignantes são inseridos á rasão de 20 rs. por linha, 40 rs. em typo differente, e as repetições pela metade. Os que não forem assignantes pagarão 80 rs por linha, e 160 em typo differente, por cada publicação.

PHASES DA LUA NO MEZ DE ABRIL.

Mingoante, a 8, aos 52 min. da tarde.
Lua nova, a 15, ás 4 horas e 1 min. da manhãa.
Crescente, a 22, ás 6 horas e 46 min. da manhãa.
Lua cheia, a 30, ás 11 horas e 5 minu. da tarde.

PARTIDA DOS CORREIOS.

Goianna e Parahyba, ás segundas e sextas feiras.
Rio-Grande-do-Norte quintas feiras ao meio-dia.
Cabo, Serinhãem, Rio-Formoso, Porto-Calvo e Macció no 1.º, a 11 e 21 de cada mez.
Garanhuns e Bonito, a 10 e 21.
Boa-Vista e Flores, a 13 e 28.
Victoria, ás quintas feiras.
Olinda, todos os dias.

PREAMAR DE HOJE.

Primeira, ás 10 horas e 54 minutos da tarde.
Segunda, ás 11 horas e 18 minutos da manhãa.

DIAS DA SEMANA.

19 Segunda. S. Socrates. Aud. do J. dos orphãos, do J. do c. da 2 v. e do J. M. da 2 v.
20 Terça. S. Accindino. Aud. do J. do civ. da 1 v. e do J. de paz do 2 dist. de t.
21 Quarta. S. Ancelmo. Aud. do J. do civ. da 2 v. e do J. de paz do 2 dist. de t.
22 Quinta. S. Soter. Aud. do J. de orph., e do J. municipal da 1 vara.
23 Sexta. S. Jorge. Aud. do J. do civ. da 1. v. e do J. de paz do 1. dist. de t.
24 Sabbado. S. Honorio. Aud. do J. do civ. da 1. v. e do J. de paz do 1 dist. de t.
25 Domingo. S. Marcos.

CAMBIOS NO DIA 22 DE ABRIL.

Cambio sobre Londres de 29 1/4 a 29 1/2 d. p. 1$ rs.
» » Paris 315 rs. por franco.
» » Lisboa 95 de premio.
Desc. de lettras de boas firmas 1 1/4 p. % ao mez.

Ouro — Onças hespanholas....	28$500	a	29$000
» Moedas de 6$400 velh.	16$200	a	16$300
» » de 6$400 nov.	16$200	a	16$300
» » de 4$000.....	9$000	a	9$100
Prata — Patacões........	2$020	a	2$040
» Pesos columnares...	2$000	a	2$020
» Ditos mexicanos...	1$860	a	1$700
» Miuda..............	1$900	a	1$920

Acções da comp. do Beberibe de 50$000 rs. ao par.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

PARTE OFFICIAL.

Commando das armas.

Illm. e Exm. Sr. — Satisfaço a exigencia contida no officio que V. Ex. me dirigio a 3 do corrente, ajuntando aqui o mappa demonstrativo da fôrça dos corpos desta guarnição. Do referido mappa se collige que actualmente existem disponiveis, anspeçadas e soldados 161, e que a guarnição diaria, conforme o roteiro tambem junto, absorve 89 ditos, sendo obvio que, ainda com meio-dia de folga, 17 são atropellados por espaço de 48 horas. Deos guarde a V. Ex. Quartel-general na cidade do Recife 6 de abril de 1847.—Illm. e Exm. Sr. presidente da provincia. — *Antonio Corrêa Seára*.

—*Illm. Sr.* — Para que tenha a devida execuçã, o remettô a V. S., de ordem do Sr. general commandante das armas, o officio, por cópia aqui junto, do Exm Sr. presidente desta provincia.—Deos guarde a V. S. Quartel-general na cidade do Recife 10 de abril de 1847.—Illm. Sr. Joaquim José Luiz de Souza, coronel commandante do 2.º batalhão de artilharia a pé.—*José da Silva Guimarães*, ajudante de ordens.

No mesmo sentido se officiou aos commandantes do 6.º batalhão de caçadores e das companhias de cavallaria e artifices.

« *Illm. e Exm. Sr.*—A'vista do officio que V. Ex. me dirigio em data de 7 do corrente, acompanhado de dous mappas da fôrça de linha actualmente existente nesta provincia, e do detalhe do respectivo serviço, preciso que V. Ex. me remetta o seguinte: uma relação nominal das praças de cada um dos côrpos, que se dizem empregadas no serviço delles, com declaração da qualidade do mesmo serviço; uma dita das que estão em diligencia, declarando quando provavelmente se conclue; e outra das, que estão com licença indicando a autoridade que a concedeu, por que tempo, e quando deve concluir-se: devendo, finalmente, informar-me quantas praças se acham em cada uma das fortalezas, bem como se os recrutas do 6.º batalhão teem ou não praça nelle, e no caso afirmativo, a rasão por que não foram comprehendidos no numero dos promptos —Deos guarde a V. Ex. Palacio de Pernambuco, 10 de abril de 1847.—*Antonio Pinto Chichorro da Gama*.—Illm. e Exm. Sr. brigadeiro Antonio Corrêa Seara, commandante das armas. »

— *Illm. e Exm. Sr.*— Com a remessa das relações nominaes, mappa e cópia do officio do coronel commandante do 6.º batalhão de caçadores, tudo aqui junto, fica satisfeita a exigencia expressada no officio de V. Ex., datado de 10 do corrente.—Deos guarde a V. Ex. Quartel-general na cidade do Recife, 14 de abril de 1847.—Illm. e Exm. Sr. Antonio Pinto Chichorro da Gama, presidente desta provincia.—*Antonio Corrêa Seára*.

« *Illm. e Exm. Sr.*—Em cumprimento á ordem de V. Ex., communicada em officio do ajudante de ordens em data de 11 do corrente, para que tenha a devida execução o determinado pelo Exm. Sr. presidente desta provincia, que por cópia me foi, de ordem de V. Ex., remettido, tenho a honra de levar as mãos de V. Ex. as relações nominaes juntas: primeira das praças do batalhão sob meu commando, que na organisação do mappa diario deste batalhão de 5 do corrente, conforme o modelo dado por V. Ex., iam contempladas como empregadas em serviço do corpo, com declaração da qualidade delle; segunda das praças em diligencia, sem que me seja possivel declarar quando ella possa lindar por não depender de arbitrio meu; terceira, finalmente, das que se acham com licença, e nas observações respectivas consta qual a autoridade que as concedeu, e quando findam. Quanto aos recrutas do batalhão, teem todos praça assente, e vão no numero dos recrutas, porque o são, e nem podem ainda passar a promptos, por lhes faltar a aptidão sufficiente, não só pelo pouco tempo que ainda teem de praça, como mesmo pela movibilidade em que teem estado o batalhão; quanto a destacados em fortalezas, nenhuma praça existe do batalhão —Deos guarde a V. Ex. Quartel na fortaleza das Cinco-Pontas, 13 de abril de 1847 —Illm. e Exm. Sr. Antonio Corrêa Seara brigadeiro e commandante das armas.—*Feliciano José Neves Gonzaga*, coronel graduado commandante. »

NOTICIA LITTERARIA.

HISTORIA DE PORTUGAL

POR

A. HERCULANO.

Lêmos com muita attenção e gosto o primeiro tomo da Historia de Portugal, escripta pelo Sr. A. Herculano, e publicada em Lisbôa no anno proximo passado. Faremos portanto um rapido esboço da materia contida neste volume, e exporemos com franqueza a nossa opinião ácerca do plano da obra, do estylo, e das habilitações do autor para commetter tamanha empréza.

A obra tem esta simples dedicatoria — *A Sua Alteza Real o Principe D. Pedro* — e depois uma advertencia de oito paginas, em que o autor expõe a rasão por que commetteu a empreza de escrever a historia do seu paiz, sem ter comtudo a pretenção de captar a benevolencia do publico, de quem só espera juizo severo. Elle não desconhece os riscos da situação, em que se collocou, rejeitando as fabulas das eras antigas, e sujeitando a historia dos primeiros tempos da monarchia portugueza á uma critica judiciosa, sem importar-se com as preoccupações nacionaes, porque escreveu apenas para os amigos singelos da verdade. Como, porêm, a sciencia da historia caminha na Europa com passos firmes e rapidos, preferio dizer com animo generoso aos proprios seus aquillo mesmo que os estranhos poderão dizer depois com mais franqueza. O autor escusa lançar á frente do seu trabalho o plano delle para não prevenir o leitor no julgamento do processo do seu livro, confessando as obrigações que deve as pessoas, que o ajudaram nesta grandiosa empreza, no numero das quaes cita com especialidade a el-rei D. Fernando.

Para fallar, porêm, da creação da monarchia portugueza devia o autor examinar o povo que a formou; e como esta monarchia foi em parte creada pela desmembração de outra já existente, e pela acquisição de um territorio que pertencia á raça diversa (o Algarve), foi mister tratar antes desses povos, e remontar por um lado á monarchia leoneza, e por outro á invasão e conquista dos Arabes na Peninsula iberica. Eis ahi pois o objecto da sua introducção, dividida em tres periodos.

No 1.º periodo, além das considerações preliminares sobre os escriptos da idade media e da época da restauração das lettras, e sobre os caracteres que podem estabelecer a identidade na successão dos tempos: *o territorio, a raça e a lingoa*, expõe com singeleza as noções mais autorisadas ácerca dos primeiros povos da Peninsula, isto he, raças barbaras da Asia, conhecidas pela denominação de *Iberos, Celtas ou Celticos*, que pela successão dos tempos se foram mesclando entre si e com os Gregos e Phenicios por meio de colonias, e ultimamente com os Cartagenezes, até que, feita a conquista pelos Romanos, desappareceram todos os caracteres, que estabeleciam antes a identidade desses povos, pela nova divisão territorial e mudança da lingoa. Neste estado se conservou a Peninsula até o seculo V, em que uma nova invasão de barbaros do norte veio mudar a face do territorio, misturar de novo a raça e alterar a lingoa: a invasão dos Vandalos, Alanos, e Suevos, em tempo de Geroncio, general romano, converteu o paiz quasi que em um ermo. Os Visigodos depois, commandados por Atahulfo, invadiram tambem a Peninsula, e por successivas guerras chegaram a dominar todo o territorio, e a estabelecer a monarchia visigoda, que abrangeu toda a Hespanha em tempo de Leovegildo. Este imperio durou por tres seculos, até que os Arabes no seculo VIII invadiram a Hespanha.

O 2.º periodo da introducção começa pelas dissensões do imperio gothico, que trouxeram á Hespanha os Mussulmanos. Depois de relatar a conquista da Peninsula por Tarik e Musa, o autor refere neste periodo toda a guerra civil entre os conquistadores, as tentativas além dos Pirineus, e as primeiras vantagens dos Christãos nas Asturias, e successivamente o dominio dos Arabes até a entrada dos Almoravides, cuja seita descreve no fim deste periodo, desde sua origem até Jussuf, que de Africa passou á Hespanha, e poz um cravo na roda da fortuna, que tão favoravel se mostrara ao rei de Leão, Affonso VI, a fins do seculo XI.

O 3.º periodo começa pela reacção da raça visigoda contra a conquista dos Sarracenos na Hespanha, poucos annos depois da invasão. Um punhado de Godos, capitaneados por Pelagio, levantou nas montanhas das Asturias o estandarte da religião e da independencia, e começou uma guerra que devia durar por mais de 700 annos, até a expulsão total desses mesmos Sarracenos no fim do seculo XV. Fundada a nova monarchia visigoda nas Asturias; sempre em guerra com os invasores, marcha de batalha em batalha, através de suas proprias dissensões e guerras civis, até o fundamento das monarchias de Leão e de Castella, reunidas debaixo do sceptro de Fernando I. Finalmente a monarchia leoneza, reunida á de Castella e de Navarra, tomou tal incremento que Affonso VI attribuia já a si o titulo de imperador, tomado constantemente depois por Affonso VII. Este terceiro e ultimo periodo da introducção acaba com a morte de Affonso VI em Toledo; cuja morte foi, por assim dizer, origem da monarchia portugueza, porque della data a sua debil infancia, favorecida pelos calamitosos successos, occorridos na Hespanha christãa, em consequencia do fallecimento daquelle rei. Eisnos pois chegados ao principio da historia de Portugal.

Livro I. O autor, começando a sua historia na era de 1097, falla antes dos districtos de Coimbra e de Portucale a meiado do seculo XI. Era Coimbra a povoação mais notavel sobre o Mondego, assim como Portucale sobre o Douro, e destes districtos fez Affonso VI dous condados para os dous Borgonhezes Raimundo e Henrique seus genros. Raimundo, casado com D. Urraca, unica filha legitima de Affonso VI, concebe a ideia de apoderar-se da monarchia leoneza, mas sua morte prematura creou as mesmas ambições em seu primo o conde Henrique, casado com a filha bastarda do mesmo Affonso VI, chamada Thereza. Morto Affonso VI, entrou D. Urraca no dominio da monarchia, e casou-se em segundas nupcias com Affonso I de Aragão, cujo casamento foi causa de uma serie de guerras civis e de calamidades durante a vida dos dous esposos, e das quaes se aproveitou habilmente o conde Henrique para estender os seus estados e plantar as sementes da independencia e da nacionalidade portugueza, que fructificaram durante o governo da infanta D. Thereza, e amadureceram no do infante D. Affonso Henriques, acclamado rei de Portugal, e confirmado depois pelo papa.

Morto o conde D. Henrique, ficou governando a infanta D. Thereza, sua viuva, na menoridade do infante D. Affonso Henriques, a qual soube por meio de enredos e de allianças, já com Affonso de Aragão, ou com a propria irmãa D. Urraca, não só conservar os seus estados, como augmenta-los, a ponto de ser geralmente denominada rainha pelos subditos. Enamorada, porêm, de D. Fernando Peres de Trava, do qual foi amante por todo o resto dos seus dias, sacrificou a este amor a sua propria dignidade, e até a sua existencia e poder. O odio que os barões portuguezes consagravam ao conde Fernando Peres, fez com que, ajudados pelo offendido orgulho do infante D. Affonso Henriques, ou ainda mais pela sua inexperiencia, não só se levantassem contra a autoridade de D. Thereza, como que, vencida ella em batalha campal, fosse expulsa pelo proprio filho, em companhia do conde de Trava, e afinal morresse desterrada: injustiça que não tem desculpa senão pelo sentimento da nacionalidade.

Se a revolta do infante D. Affonso Henriques e dos barões portuguezes não foi devida á ambição do mesmo infante, ou dos que o acompanharam, então deve só considerar-se como o castigo de um erro; ainda assim este erro, medido pelos costumes daquelle tempo, não era imperdoavel, e até parece demasiado severa a punição, attentos os serviços que, durante 14 annos de governo, prestou a rainha D. Thereza, augmentando pelas armas e pela politica a extensão dos seus estados ao Oriente e ao Norte, e conservando ao Meio-Dia a linha das fronteiras que seu marido já lhe deixara encurtadas. Este livro pois acaba com o principio do governo do infante Affonso Henriques, filho do conde Henrique de Borgonha.

Livro II. O autor começa pela apreciação das circumstancias, que deveram marcar os primeiros passos do moço infante, pois que Affonso VII de Castella, que acabava de entrar na grande herança de sua mãi D. Urraca, não podia olhar com indifferença para este grave successo, isto he, para o dominio do infante D. Affonso Henriques, visto que o pretexto da nacionalidade, que servira para a revolução contra a rainha D. Thereza, importava uma declaração formal de independencia de parte do infante, quando pouco antes havia o mesmo Affonso VII obrigado sua tia, mãi de D. Affonso Henriques, a reconhecer-lhe uma especie de vassalagem.

Este segundo livro contém portanto toda a historia dos primeiros annos do infante D. Affonso Henriques até os ultimos dias do seu reinado, abrangendo toda a marcha seguida para consummar o pensamento dos homens esforçados, á cuja frente se collocara: o pensamento de fundar um reino independente no Oeste da Peninsula. Esse intento, concebido por seu pai o conde D. Henrique, approvado com ancia pelos barões portuguezes, desenvolvido largamente por D. Thereza sua mãi, e que por ventura se houvera já realisado completamente, se a paixão amorosa da rainha e as suas tristes consequencias não tivessem dado azo a rixas intestinas: esse intento foi convertido por D. Affonso I de Portugal em um facto consummado. O titulo de rei, e por consequencia a separação de Portugal, foi um facto materialmente consummado e completo em 1143, pois que o imperador Affonso VII reconheceu nesse anno o titulo de rei, que seu primo D. Affonso tomara, pelo tratado de paz celebrado em Samora, cujos preliminares se tinham assentado em Valdevez.

E porêm D. Affonso Henriques, que desconfiava da legitimidade do seu titulo e da independencia de Portugal, por haver ficado em uma especie de dependencia politica de Affonso VII, o qual se intitulava imperador das Hespanhas, occorreu a um meio de legitimar estes dous factos, collocando o seu throno a sombra do solio pontificio. D. Affonso I, reconhecendo no pontifice romano o summo imperio dos estados christãos da Peninsula, offereceu o seu reino a igreja romana, pagando o censo annual de quatro onças de ouro (pag 345). Aceita a offerta pelo papa Lucio II, sem comtudo dar-lhe o titulo de rei, continuaram as negociações com a curia romana até que afinal reconheceu Alexandre III de um modo explicito essa dignidade na dynasthia de Henrique o Borgonhez.

D. Affonso não pôde estender o seu dominio sobre a monarchia leoneza, porque por esse lado elle conservou os mesmos limites, mais ou menos disputados, apezar do senhorio de Astorga, que lhe fôra concedido pela paz de Samora, e que de certo lhe fôra depois retirado; mas lançou-se sobre a parte occupada pelos Sarracenos afim de alargar o seu reino, e colloca-lo de modo a dar-lhe perfeita segurança e engrandecimento por essa parte. Como bem observa um historiador moderno, a Hespanha mussulmana representava no meado do seculo XII uma imagem do baixo imperio, inhabilitada igualmente para se defender e para se governar. O autor, descrevendo então o estado do imperio arabe na Peninsula, serve-se do seguinte sublime pensamento (pag. 353).

« Naquelle paiz, seja qual fôr o seu grão de civilisação e poderio, onde fallece o amor da patria, onde os vicios mais hediondos vivem a luz do sol, onde a todas as ambições he licito pretender e esperar tudo, onde a lei, atirada para o charco das ruas pelo pé desdenhoso dos grandes, vai lá servir de joguete as multidões desenfreadas, onde a liberdade do homem, a magestade dos principes e as virtudes da familia se converteram em tres grandes mentiras, ha ahi uma nação que vai morrer. A Providencia, que o previo, suscita então outro povo, que venha envolver aquelle cadaver no sudario dos mortos. Pobre, grosseiro, não numeroso, que importa isso? Para pregar as taboas de um ataude qualquer força basta. »

A jornada de Ourique foi sem duvida alguma o grande acto, que firmou irrevogavelmente a nacionalidade portugueza. Depois delle renovaram-se as discordias com o imperador, e houve o recontro de Valdevez, onde se assentaram os preliminares, que afinal trouxeram a paz firmada em Samora, e o reconhecimento do titulo de rei para Affonso Henriques. A tomada de Santarem, de Lisbôa e de outros lugares, dando de Affonso a ideia de um grande guerreiro, veio augmentar o prestigio do seu nome com a convicção em toda a Hespanha de que os Portuguezes formavam já um povo temido e respeitado, não só entre os inimigos da cruz como entre os mesmos christãos.

O autor, para dar a todos estes factos a importancia merecida, rejeita todas as fabulas, todas as lendas maravilhosas, de que estão recheadas as chronicas daquelle tempo; elle não admitte que Affonso I fosse acclamado rei na jornada de Ourique, nem os cinco reis mouros, que se dizem desbaratados naquella jornada, nem os 400 mil prisioneiros, e muito menos as patranhas das celebres côrtes de Lamego, documento que elle julga absurdo e inventado no seculo XVI, sem embargo de que, a meiado do seculo XVII, se constituisse como direito publico portuguez. Em meu conceito acho um pouco difficil tratar hoje de apocrypho ou de ridiculo um documento, que servio por muito tempo de carta magna, e foi reconhecido pela nação como sua lei fundamental. O autor rejeita igualmente a pia fraude do apparecimento de Jesus-Christo ao principe antes da batalha de Ourique, como uma fabula grosseira, fundada em um documento tão mal forjado, que qualquer alumno de diplomatica o rejeitaria tambem como falso ao primeiro aspecto. Desde a tomada de Lisbôa até a de Alcacer passaram dez annos, dos quaes as chronicas nada dizem; foi talvez o tempo necessario para reparar a perda de homens e dinheiro, que o assedio e tomada de Lisbôa tinham consumido.

Não descansára, todavia, Affonso Henriques depois do triumpho da nacionalidade portugueza; parece até que o seu nome glorioso era invocado como a arca de alliança nas discordias suscitadas entre Fernando II de Leão, e seu sobrinho Affonso VIII de Castella. Foi por esse tempo que se contratou o matrimonio da infanta D. Urraca, filha de Affonso Henriques, com o rei de Leão. Sem embargo soffreram os Portuguezes em 1161 o mais tremendo revez no Al-Kassr pela derrota que lhes deram os Almuhades: os Portuguezes deixaram no campo seis mil mortos e grande numero de prisioneiros, perdendo por esta occasião todas as povoações, de que se haviam apoderado no interior do moderno Alemtejo. Os vencedores, porêm, contentes com os despojos, não passaram além, e um anno depois os Portuguezes tomaram a offensiva no proseguimento das entradas em terras dos Mouros. Successivamente cahiram Beja e Evora em poder dos Portuguezes, e nos seguintes annos (1166) Moura, Serpa e Alconchel além do Guadiana.

O casamento do rei de Leão Fernando II com a filha de Affonso Henriques, longe de produzir um affecto mutuo no animo do sogro e do genro, pelo contrario quasi nunca deixou de haver discordias entre elles depois daquella época; havendo rebentado a guerra entre ambos foram os Portuguezes, commandados pelo infante D. Sancho, batidos e rôtos em Arganal pelo proprio rei de Leão. Irritado Affonso Henriques por esta derrota, abrio elle mesmo a campanha pela Galiza, e tomou varios castellos e territorios, desaffrontando assim o revez que soffrêra seu filho. O rei de Portugal, voltando da Galiza, continuou as suas correrias pelo Al-Gharb, e em 1169 acommetteu Badajoz. Já havia rendido a cidade, quando appareceu o resentido rei de Leão, Fernando II, para reanimar as perdidas esperanças dos Sarracenos refugiados na Alcaçova. Neste caso tratou Affonso de retirar-se, mas sahindo da praça quebrou uma perna contra o ferrolho do portão, e cahio em poder do sogro, o qual generosamente lhe deu a liberdade a troco unicamente do territorio occupado pelos Portuguezes á margem esquerda do Guadiana: as cidades e castellos de Limia e Toronho foram abandonadas, Affonso I voltou aos seus estados para curar-se, e desde então até morrer associou seu filho Sancho no governo, confiando-lhe parte da guerra contra os Mouros, que elle fazia dirigir por seus conselhos, além da parte que confiou immediatamente aos Templarios, associação de monges guerreiros já então estabelecida em Portugal.

Em 1171 vieram os Almuhades, com o proprio imperador de Marrocos, sitiar Santarem, onde se achava Affonso Henriques; o prompto soccorro do rei de Leão fez levantar o cerco com grave damno dos sitiadores. Amortecida, porêm, a energia do velho leão portuguez depois do desastre de Badajoz, cuidou antes de ajustar tregoas com os Mussulmanos do que proseguir na guerra; tregoas que foram rôtas pelos Portuguezes em 1178, continuando a guerra na provincia do Alemtejo, que se tornou então um campo de batalha. Em 1185 veio emfim a fallecer D. Affonso Henriques, legando a seu filho Sancho uma corôa já legitimada sobre sua cabeça, e um sceptro adquirido a custa de gloriosos combates. Segue-se o epilogo, e depois 27 notas explicativas do texto, nas quaes são discutidos com muito criterio e erudicção varios pontos controversos da antiga historia portugueza. Eis-ahi o que contém este volume, tão exactamente quanto nos foi possivel colher e resumir na primeira leitura que fizemos.

O merito desta compilação não consiste sómente no plano da obra, ou na escolha dos materiaes que entraram na sua organisação; mas especialmente na acurada apreciação dos factos, no juizo critico do autor, e na depuração de tudo quanto lhe pareceu inverosimil ou improvavel, excluindo todas as fabulas e lendas maravilhosas, documentos apocryphos ou visivelmente falsos. Estamos tão de accordo em que a historia de um povo deve ser escoimada dessas patranhas, que para nós he o primeiro merecimento do autor. Passemos ao estylo.

Quem lêr a advertencia, e comparar o estylo com o da introducção ou dos dous livros seguintes, verá o quanto hé difficil verter na propria dicção os es-

MELHOR EXEMPLAR ENCONTRADO

criptos ou narrações alheias. Sem embargo o estylo da obra he sempre claro, conciso e correcto, com quanto se notem as vezes pequenas imperfeições: o estylo, porém, póde conter imperfeições sem vicios ou erros de lingoagem, porque aquellas só dependem do gosto, em que não ha regras. O estylo depurado não deve conter imperfeições, que pela maior parte consistem na falta de euphonia, na má escolha dos vocabulos, no uso de palavras obsoletas, ou ainda não admittidas por autores de nota, ou no abuso que se póde fazer dos idiotismos, que são as excepções das regras da grammatica, admittidas pelos mestres da lingoa. No que dependeu do autor, o que he de propria lavra apparece sempre com o cunho do mais depurado gosto; para nós a advertencia só vale bem todo o volume.

Loucura seria de certo, se quizessemos fazer a critica litteraria de uma obra sómente pelo começo, muito mais quando não podemos contestar a veracidade dos factos, nem entrar na moralidade das provas; julgando, todavia, pelo methodo, pelo estylo, e pelos diferentes caracteres que distinguem as obras deste genero, podemos affirmar, sem medo de sermos arguidos de precipitação, que o primeiro volume da historia de Portugal; escripta pelo Sr. A. Herculano, merece lugar distincto entre as melhores producções, que teem sahido dos prelos portuguezes. Ha nesse começo grande fundo de erudicção, de trabalho e de talento. O encadeamento das épocas he feito com mão de mestre, apezar das lacunas que o autor encontrou a cada passo nas chronicas daquelle tempo, muito mais quando, talvez com o sacrificio do orgulho nacional, elle repellio todos os factos que julgou fabulosos, como lendas improprias de uma historia philosophica do seu paiz.

Não foi sem muita discrição e cordura, como o provam as suas notas, que elle eliminou do corpo da sua historia todas essas fraudes dos primeiros tempos da monarchia, tempos alias de mui gloriosa recordação para um Portuguez; porèm a verdade antes de tudo, e á verdade sacrificou talvez as convicções do povo como um tributo á exactidão historica. Qualquer que seja o premio, que o paiz lhe prepare agora ou na posteridade, ninguem poderá negar ao autor o nobre ardimento de commetter uma empreza tão arriscada, como averiguar qual foi a existencia das gerações que passaram no seu paiz. A nação portugueza carecia de um corpo completo de historia escripta por um Portuguez: esta missão foi, ou está sendo preenchida com honra e nobre sacrificio pelo Sr. Herculano. Felicitemos pois o illustre litterato, e offereçamos-lhe deste lado do Atlantico uma corôa de louro, como um triumpho, em que ainda temos parte pela lingoa e pela origem

A. e L.

EXTERIOR.

PORTUGAL.

LISBOA.

As noticias que hoje chegaram do norte do reino dizem-nos que os rebeldes – nas operações que tentaram ao sahir do Porto--quizeram ensaiar até onde lhe seria proficua a infame liga com os migoelistas --quizeram ver se os povos do Minho protegiam a sua causa.

Honra seja ao nobre conde do Casal, que penetrando o plano traiçoeiro dos renegados, tem dirigido as suas operações de fórma tal, que obstou ao desenvolvimento que aquelle plano poderia ter, pondo a coberto os dous importantes pontos de Vianna e Valença, e conservando-se perfeitamente desembaraçado para operar como melhor convier.

Temos certeza de que os movimentos praticados pelo illustre general produziram o melhor resultado; dando occasião a se conhecer que os povos do Minho, com quem *os renegados* contavam, se conservaram quietos e tranquillos, --perfeitamente indifferentes á louca tentativa do general do seu povo, que tudo será, menos militar intelligente e aguerrido; o que bem mostrou no seu inexplicavel procedimento, quando, achando-se em Tagarro, abandonou completamente aos recursos proprios o ex-conde de Bomfim e seus camaradas, fugindo precipitadamente em vez de os proteger.

No dia 15 pelas tres horas da tarde apresentou-se o Xavier com a sua fórça em frente de Vianna, e mandou um parlamentario ao castello para que se rendesse, mas a resposta foi um chuveiro de balas e bombas. O brigue *Vouga*, que se acha alli fundeado, fez tambem um vivissimo fogo que causou aos rebeldes grave perda em mortos e feridos.

O valente conde do Casal, depois de ter a certeza do estado pacifico dos povos do Minho, e conhecendo já as operações dos rebeldes, terá a estas horas deixado Valença para ir sobre elles, se por ventura se demorarem fóra do Porto, o que por mais de uma rasão não he de esperar.

(*Do Interesse Publico* de 22 de fevereiro.)

Temos communicado ao publico por vezes, como as fórças leaes do commando do valente barão de Villa-Nova de Ourem perseguem activamente a guerrilha do caduco Povoas, que não ousou espera-las, fugindo mal lhe constou a sua approximação.

Effectivamente aquelles bandidos, sem descansarem nem de noite nem de dia, poderam entrar no dia 17 em Lamego, em estado verdadeiramente miseravel, e em pequeno numero.

Todos, e principalmente o chefe Alvaro das Povoas, maldiziam a junta do Porto pelo engano que lhe fizera, faltando-lhe com tudo quanto lhe havia promettido.

Franca e claramente accrescentava este, que se podesse conseguir introduzir-se no Porto, embarcaria logo para o estrangeiro.

Pouco se demoraram em Lamego, porque pouco devia tardar a fórça que os persegue; e não podendo embarcar no Peso-da-Regoa, onde se achavam tropas leaes, tomaram, ao que parece, a direcção de Rezende, ou de S.-Martinho.

O que, porém, não soffre duvida he que a maior parte desses poucos que já levava o caduco rebelde o abandonaram nessa marcha, tendo sido vistos em grupos em differentes pontos, retrocendo na direcção de suas casas.

(*Diario do Governo* de 23 de fevereiro.)

Vimos nos jornaes do Porto particular empenho, muito além do que he seu costume, em exagerar o bello acolhimento feito pelos povos ás multiplicadas divisões que dalli sahiram; e dissemos logo, que havia intenção de occultar o mallogro das tentativas da junta.

Não nos enganámos: o ex-conde das Antas debalde recorreu ao *general badalo*, como dizem os orgãos della; o povo nem se armou contra o conde do Casal, nem ao menos appareceu, como já dissemos em um dos numeros proximos.

Mas não he só isto: mais e peior aconteceu ao *general* Cesar de Vasconcellos em Guimarães. O general favorito dos rebeldes não esperou que o requisitassem; reunio a sua gente, e o povo carregou o valente Cesar, gritando que se uniria gostosamente aos subditos fieis da rainha, porém em nenhum caso á junta do Porto.

Vai-se mostrando por toda a parte inutil o plano dos setembro-miguelistas. O proprio padre Casimiro prosegue em suas correrias, independente da junta soberana, e puramente a favor de D. Miguel. Foi mais um crime sem gloria nem proveito, de que se carregou a facção do Porto.

Os proprios guerrilhas em numero de 800, que se achavam unidos ao *general miguelista* Bernardino, teem entendido que he mais prudente irem para suas casas; e estão hoje reduzidos a 200 se acaso. Mostram nisto ter mais discrição que o chefe.

Entretanto no Porto continúa grande desintelligencia entre os rebeldes, principalmente depois da entrada do rebelde Xavier -- sem dizer a que foi a sua sortida -- ao que se seguio a entrada do guerrilheiro Povoas.

A parcialidade Seabra com os estudantes quer tirar o commando ao general do povo, e apéa-lo mesmo da presidencia da junta, para servirem debaixo das ordens do miguelista Povoas.

Contra o primeiro se affixaram muitos e infamantes pasquins, e até corriam proclamações impressas; discutindo-se por toda a parte livremente a capacidade ou incapacidade do famoso cabo de guerra.

Nestas discussões alguns sustentavam que, tendo o mesmo variado de habitos, perdêra com elles o valor que outr'ora lhe conheciam.

Sabemos que milhares de pessoas de longas distancias correram a Oliveira-de-Azemeis no dia 21 deste mez, á feira que alli se faz naquelle dia. Os povos teem inteira confiança na tropa fiel.

E como hão de teme-la estando sob o commando do illustre marechal, que tanto protege e beneficia o bom soldado, como castiga o dàvasso e criminoso? A disciplina dos seus valentes he maravilhosa.

As ultimas noticias do alto Minho dão-nos o valente conde do Casal em Vianna, donde foi repellido com perda consideravel o ex-conde das Antas, como já annunciámos, retirando-se immediatamente que teve noticia do movimento do general fiel.

Tambem sabemos que a columna do valente visconde de Setubal se moveu sobre Monte-Mór o novo, e os guerrilheiros de Evora que alli tinham entrado, sahiram precipitadamente, ficando ainda em nosso poder quatro miseraveis guerrilhas. Foi pena que não esperassem; e se-lo-ha que não possa alcança-los a fórça que sahio dalli em sua perseguição.

Apresentou-se no quartel-general da primeira divisão um capitão de cavallaria n. 5, que póde agora evadir-se aos heroicos defensores de Evora.

(*Do Interesse Publico* de 27 de fevereiro)

PORTO.

Hontem entrou nesta cidade o batalhão da Maia, perfeitamente fardado, com uma bella musica, e porta-machados. Foi recebido com todas as demonstrações de regosijo pelo povo, que não se fartava de admirar o asseio e garbo deste batalhão, e louvar o zelo do seu digno commandante o Sr. Motta e Mello, e mais officialidade.

No fim da tarde de hontem entrou a valorosa columna do Sr. Goveia Cabral, que ha quatro mezes tem suportado tão duros trabalhos, e batido sempre os inimigos da patria em toda a parte onde os encontrara. Esta fórça está tão disciplinada como qualquer corpo de linha. Está perfeitamente armada, e em poucos dias estará fardada.

Tivemos a satisfação de ver entrar hontem nesta cidade a brigada do Exm. Sr. Cezar de Vasconcellos, um dos mais intelligentes e valorosos generaes do nosso exercito, que ainda ha pouco acabou de prestar relevantissimo serviço á sua patria.

Somos informados de que o Exm. Sr. general Bernadino tem completamente organisado os batalhões da sua forte divisão, que he toda composta de mancebos e soldados velhos, e commandada por uma officialidade perita e valentissima.

Os generos apprehendidos em Vianna orçam por seis contos de réis de valor, e devem chegar hoje a esta cidade.

Fiem-se nelles.—Consta que fôra preso o Sr. José Alexandre de Campos. Nós sempre dissemos que o Saldanha dizia que não havia de fazer mal a ninguem, a vêr se achava quem cahisse na corriola de o acreditar, para elle depois o esmagar á vontade.

Por officio do administrador de Moimenta-da-Beira de 14, consta que a guerrilha do Marçal fôra batida e dispersada pelas fórças populares de Alexandre Botelho, matando-lhe onze homens.

As fórças populares que se tinham reunido em Lamego e suas vizinhanças, eram immensas, distinguindo-se as do Justiniano, e as de D. Antonio Judice Locio.

Consta tambem que as fórças do Sola tinham marchado sobre Agueda.

(*Estrella do Norte.*)

CORRESPONDENCIA DOS REBELDES DO SALDANHA INTERCEPTADA PERTO DE VIZEU.

Carta do Barreiros, que tem o titulo do barão da Luz, ao Lapa que tomou o de Ourem.

Agueda 8 de fevereiro de 1847.—Meu charo collega e amigo do C.—Respondo á carta escripta de Lamego em 3, e direi que não foi gracejo, só nós casados sabemos o valor que as senhoras dão a um bonito titulo, foi por isso que, quando o marechal me mostrou a sua carta, eu lhe fiz as reflexões que disse ao meu amigo, isto he, Aldea-de-Cruz não ha, Villa-Franca ha já, ou houve um barão, o mais bonito he o de villa nova de Ourem---diga agora: gostou da minha escolha? Eu afinal desisti do covêllo, porque minha mulher disse que se podiam enganar e dizer cu-bêllo ou cu-vêllo, e por isso preferi o de N.-Senhora-da-Luz.

Tenho visto os seus movimentos, e confesso ao meu amigo, que nos tem agradado muito, e que não ha muitos Lapas, se nós os tivessemos, outro gallo nos cantaria, na verdade que não sei o que tem feito o Solla desde 18 a 5 deste mez, andou em 19 dias 19 legoas – sempre agarrado á brigadinha e aos cavallinhos, sou amigo delle, mas nesta occasião não fez o que esperavamos, eu tinha-lhe mandado dizer que se estivesse no seu lugar ficava com granadeiros na Guarda, e mandava 16 atras do Povoas, se elle passasse a serra, como fez, com os granadeiros estava á mão de lhe poder ser bom, mas marchar com toda fórça para a Covilhã; foi inutilisar-se completamente, em fim guarde este desabafo para si.

Hontem lhe dirigi tres officios, e não lhe escrevi, porque estava de cama, e ainda o estou regalado d'uma quéda de que por milagre não fico feito em pedaços, felizmente tive apenas uma extensão, e pequena em um dos tendões do quadril, sangreime, bixas &c., e estou de perninha.

Nos officios lhe dizia o que entendia dever-lhe dizer da parte do marechal, oxalá que o Solla regresse quanto antes para que não faça mais das suas. Ao Caldeira Pedrozo lhe officiei hontem dizendo-lhe que era de absoluta necessidade que as suas operações se estendessem até Castello-Branco, porque no caso que o Povoas repassasse a Serra-de-Estrella perseguido por V. Ex., elle deste lado o deteria por algum tempo, e entretanto conseguiriamos desfazer o fóco dos rebeldes que existe naquella cidade, torno a repetir ha poucos Lapas.

A sua recommendação será attendida e já tinhamos observado que V. Ex. não tivesse recommendado o rapaz.

Concluirei por agora, porque não tenho cabeça para mais, por me terem tirado muito sangue. Veja se he possivel augmentar a fôrça do 9 com soldados apresentados, mesmo dos que tivessem baixa antes de 42.—Eu tinha proposto ao marechal mandar-lhe para ahi caçadores 6, para que com infanteria 9 se formasse a 5.ª brigada de infanteria, e V. Ex. ficasse sendo o seu commandante, porque não he justo que outros estejam percebendo as vantagens, e V. Ex. com mais merecimento os trabalhos, mas o marechal ponderou-me que não convinha mandar para ahi esses diabos de Torres-Vedras, por ter pouca fôrça, e desertarem com mais facilidade para os rebeldes, assim como tem acontecido á grande parte dos mettidos nos outros corpos, assim ficará isto para quando reuna ao exercito, e que tenha pacificado a Beira.

Sou sempre de V. S. amigo verdadeiro

Barreiros.

(*Do Nacional* de 19.)

QUE FAZES, Ó BELLA LISBOA

O governo cabralista-allemão he fraco, e miseravel.

Duas ou tres commissões teem sido nomeadas para supprir a camara municipal de Aldeia-Galega, e nenhuma aceitou.

Na Moita e outras terras do Sul acontece o mesmo.

Emquanto povoações de pouca importancia resistem assim, e emquanto os povos zombam dos seus oppressores, Lisboa dorme sobre os ferros!

Aonde estará esse amor á liberdade dos artistas lisbonenses?

Aonde está esse ardor de 4 de novembro de 1836?

Aonde estará a nobre decisão de 13 de março?

Os parentes e os amigos presos, os correligionarios expatriados, e essa povoação cheia de ardor, de fôrça, de acção, e de vida jaz sobre os ferros socegada e pacifica?

Até quando, ó bella e livre côrte de Portugal, soffrerás teus fracos oppressores, e rojarás a calceta de forçado?

Dize, ó captiva, não te envergonha a nobre decisão do povo alemtejano que te offerece o auxilio?

Não te enches de pejo ao vêr como todas as provincias choram sobre ti e te estendem os braços?

Oh! sacode esses ferros, despreza os teus carcereiros, que elles são fracos; dá um signal de vida, lava-te da mancha, de que te tens coberto.

Se uma manhãa te voltares para o lado de teus oppressores, elles ficarão esmagados com o teu peso inerte, sem fôrça de acção, sem mesmo intenção de os magoar.

Conhece o teu dever, ó bella cidade de Lisboa, experimenta a tua fôrça, e tú serás salva, e será salva a patria mais breve do que o vai ser.

Oh! Não percas a occasião de cobrir-te de gloria, porque ao depois não poderás ter parte na que virá a caber aos que te quebrarem os ferros!

O nosso triumpho he certo, a côrte já o conhece, não te admoestamos, porque necessitemos do teu auxilio, fazemo-lo para te livrar da infamia, para salvar a honra do teu nome do conceito dos vindouros.

(*Do Espectro.*)

(Carta particular.)

Lisboa, 14 de fevereiro.

Já ahi hão de saber do ataque que o Neutel foi dar ao destacamento do major Ilharco, de que resultou ficar prisioneiro este major e toda a sua gente, que foram levados para Evora.

No dia 12 sahiram daqui uns 60 homens, nossos, armados, e foram dar comsigo a Samora, onde prenderam aquelle celebre administrador que ha pouco tempo tinha prendido alguns soldados de Torres-Vedras que iam apresentar-se ao conde de Mello. Aquelle administrador e uns poucos de cabos que tinha comsigo, lá foram levados para Evora, escoltados pelos nossos patriotas que foram reforçar a valente columna do conde de Mello. Se se fôr fazendo a todos os administradores e autoridades cabralinas o mesmo que se fez ao administrador de Samora, haverá menos quem queira exercer cargos tão arriscados.

A sahida do brigue *Audaz* para Angola com parte dos prisioneiros de Torres-Vedras, causou geral indignação, e desenvolveu-se a maior sympathia a favor daquelles benemeritos proscriptos. Senhoras das mais illustres familias trabalharam, com as suas proprias mãos, em arranjarem enxovaes para lhes offerecerem, e houve muito quem lhes désse avultadas quantias de dinheiro.

O povo de Lisboa olha para a rainha com a maior indifferença, e teem-se pronunciado muito a aversão e o odio contra o rei. Quando elles passam pelas ruas ninguem faz caso delles.

Os cabralistas andam muito desavindos uns com os outros; ha uma parcialidade que quer a todo panno, que sejam nomeados ministros o José Cabral e o Antonio, ou pelos menos o José, porque dizem elles que he homem activo e energico. Estes ralham muito contra os actuaes ministros que appellidam de estupidos e incapazes para a occasião, e sobre tudo de muito ladrões. Tambem estão muito descorçoados do Saldanha, por elle estar, ha dous mezes, sem fazer a mais pequena operação, e por não ter atacado o Porto. Se o Saldanha não atacou o Porto -- dizem elles -- em quanto ahi havia menos gente armada, e as linhas estavam menos seguras, para quando lhes espera? Consta que do paço se lhe teem feito as mais urgentes instancias para que elle acabe com isto; mas elle já desenganou a côrte de que o Porto he um ponto inexpugnavel. Agora --commentam os cabralistas -- o Porto he inexpugnavel, sem se vencer o Porto não se vence a causa; portanto poderemos continuar neste estado mais tempo; mas, visto isso, podemos perder as esperanças de vencer.

Tambem ralham desbocadamente contra o Sewalbak, por elle ter medo do conde de Mello.

Ao Ilharco, que foi feito prisioneiro com toda a sua gente, chamam-lhe bebado e estupido. Em fim ralham e estão descontentes de todos os seus generaes, porque nenhum tem feito cousa que se lêa. O que elles fazem he pedir dinheiro e mais dinheiro, do que ha por cá muita falta.

Espalha-se aqui muita mentira; os cabralistas dão o Povoas desbaratado e prisioneiro com o resto da gente que o seguia. Tenho fé em Deos e na pericia deste habilissimo general, que tal não havia de acontecer, e que se elle não derrotar os seus perseguidores, pelo menos lhes escapará. O que he certo he que os cabralistas teem grande vontade de lhe chegarem, e que elles deram grande cavaco quando souberam que elle se tinha pronunciado pela causa nacional.

O *Diario do Governo* traz um decreto desautorando dos seus postos e honras o general Povoas, o conde de Rezende, o barão de Prime, e outros officiaes. São desautorações que autorisam, e que, em vez de tirarem honras, as augmentam.

O commercio está paralysado, como nunca esteve; não se apura um vintem; o desconto das notas continúa entre quatorze e quinze tustões a moeda. As classes baixas estão na maior miseria, e para mais, estão os mantimentos muito caros. Passa-se aqui muita fome. Quem vier hoje á Lisboa não a conhece, tão mudada ella está. Esta cidade, onde se via tanta grandeza, tanto luxo, e tanta vida, está triste, melancolica e abatida. Nota-se pelas ruas a diminuição da gente; muitas casas estão fechadas, outras que tinham numerosas familias, teem apenas um criado para as guardar. Está muita gente presa, e muita gente tem emigrado, uns para fóra do reino, outros para quintas, outros para diversas terras occupadas pelas fôrças nacionaes. Para o Alemtejo he que tem ido muita gente a engrossar as fileiras do conde do Mello, e a procurar a sombra protectora dos muros d'Evora. O fidalgos estão, se póde dizer, todos fóra, porque quasi todos estão compromettidos na causa nacional. O paço está deserto, e apenas o frequentam os chefes dos caceteiros e da espionagem.

Está-se aqui com grande anciedade que chegue o vapor *Porto* para trazer noticias do Casal.

A fôrça que aqui ha, he só a guarda municipal, e os batalhões de empregados e caceteiros, os quaes valem muito para rondarem e fazer tropelias, mas na occasião do perigo, e quando forem mais precisos, hão-de sumir-se aonde ninguem os veja, como já fez o batalhão de empregados em Setubal quando lá foi o José Estevão, que não lhe fizeram a mais leve resistencia, nem são capazes de fazer resistencia a ninguem.

A tropa de linha não tem augmentado, porque os poucos recrutas que teem sido presos, passados poucos dias, desertam todos, e ninguem mais lhe põe a vista em cima.

Diz-se que a rainha e o rei já estão muito arrependidos de se terem mettido nesta dança, e que dão ao diabo aquelles que lhes disseram antes, que isto era uma empreza facillima, e que ou não havia de encontrar resistencia, ou, se a encontrasse, havia de ser tão pequena que nada valeria. Os cabralistas mais esturrados ainda dizem que hão de vencer; não assim os que teem juizo, e olham para as cousas como ellas são, e não como as desejam: estes já lhe perderam as esperanças, e para o que appellam he para que as cousas se encaminhem de maneira que elles não fiquem de todo perdidos. Estes que teem mais peso na cabeça, não gostam das tyrannias e atrozes perseguições que se estão praticando com os presos, porque --- dizem elles --- depois da causa do Porto triumphar que ha de ser de nós! He impossivel que não haja represalias!

Correios, poucos são os que aqui chegam, e não veem em dias certos, porque a maior parte delles são interceptados por guerrilhas que discorrem por diversas estradas.

Continuam as prisões de todos os que são alcunhados de suspeitos.

Estão aqui muito medrosos, e sempre a olhar para o mar, a vêr quando apparece alguma esquadrilha conduzindo a bordo dous mil homens dessa cidade. Se tal acontece, esta gente toma-se de um terror panico, e suja as calças de medo, e não faz a mais pequena resistencia.

(*Do Nacional* de 24 de fevereiro.)

Hontem deram um passeio militar até o sitio do Monte-Grande, quasi uma legoa distante daqui pela estrada de Lisboa, a mór parte das fôrças, tanto de linha, como de corpos nacionaes que estão nesta cidade. Formavam quatro numerosas brigadas, com a competente artilharia e cavallaria. Era magestosa e respeitavel a vista que formava este exercito. Toda esta fôrça formou no Monte-Grande, e ahi lhe passaram revista os dous illustres generaes Antas e Povoas, que ficaram extremamente agradados de commandarem tão boa gente, e tão prompta para tudo o que seja mister a bem da causa nacional. Andavam por ahi os mexeriqueiros a dizer que a guarda nacional e os cabos de policia não haviam de marchar, e haviam de recusar-se a passar além da ponte. Em que sonhas, porco? Os que diziam isto, diziam-no a vêr se achavam alguem que fizesse o dito verdadeiro, mas o patriotismo e a decisão de todos os homens armados zombou dos máos desejos dos que tomaram vêr-nos divididos; e não se ouvio uma só voz de enfado, antes ao contrario, se via em todos a resolução firme de marcharem até onde os mandassem os dous benemeritos generaes. He de notar que ninguem sabia se aquillo seria só um passeio, ou se de veras marchariam até ao inimigo, e todos iam promptos para o que se lhes determinasse; e quem marchou uma legoa, marcharia tres, seis, aquellas que os generaes lhes ordenassem. O caso he a fôrça armada ter confiança nos seus generaes; e confiança nunca houve quem tivesse tanta como o exercito nacionol tem nos dous generaes Antas e Povoas. Com elles irá á toda a parte, porque está seguro que guiado por generaes tão peritos e tão valentes não póde deixar de obter vantagem e gloria em qualquer empreza.

O exercito nacional tambem ia ufano por levar comsigo o habilissimo general visconde de Sá, que todos respeitam, como elle merece.

A frente da guarda nocional ia o seu commandante geral, o Exm. marquez de Loulé, com o qual muito sympathisam os cidadãos armados. He honroso para elles serem commandados por um fidalgo tão distincto, e a quem deve immensos serviços a causa da liberdade.

Depois de passada a revista, tudo retrocedeu para os quarteis. Os generaes estiveram no alto da Bandeira a vêr desfilar aquella divisão que para se avaliar quanta gente tinha, basta notar-se que gastou hora e meia em desfilar continuamente.

E mais, ficou na cidade a guarnição ordinaria, que não he pequena, e contingentes de todos os corpos; e estão fóra em operações as columnas dos Exms. barão de Almargem, e generaes Cezar, Bernardino, e Guedes.

Como nunca tinha havido reunião de todos os corpos que estão na cidade, nem se sabia a muita fôrça que aqui havia, ninguem pensava que avultasse a este ponto. Todos ficaram maravilhados de verem tanta gente armada. Os amigos da causa nacional animaram-se de vêr tanto quem a defenda; os contrarios perderam o alento, ao reflectirem que estas fôrças são muito maiores do que as do Saldanha.

Apezar de ninguem saber para onde, nem para que as fôrças marcharam, acompanhou-as muita gente, tanto a pé, como a cavallo, contando-se nesta numero alguns Inglezes, e outros estrangeiros. E todos deram por muito bem empregada a jornada, porque o arraial no Monte-Grande foi um que, visto, enthusiasmava.

He ocioso repetirmos que os Exms. Antas e Povoas, por todo o caminho, tanto na ida como na volta, receberam as mais obsequiosas demonstrações de amizade e respeito que todo o povo lhes dedica.

Não temos elogios com que encareçamos o patriotismo e devoção com que os cidadãos da guarda nacional, os cabos de policia, e mais cidadãos armados, compareceram a este serviço; e o como estavam promptos para irem fosse até onde fosse. Os negociantes desampararam os seus escriptorios e as suas lojas, e os artistas deixaram os seus officios e misteres, e de muito boa vontade se prestaram a este serviço assim como se teem prestado a muitos outros. Tão acrisolado e desinteressado patriotismo he digno dos maiores elogios; e emquanto a causa nacional tiver tão leaes e decididos defensores, não póde perigar, senão que ha de vencer e supplantar os seus inimigos.

Não sabemos se esta marcha foi preludio d'algumas operações militares que hajam de emprehender-se; nem pretendemos saber. Confiamos plenamente nos generaes que capitaneam as nossas grandes fôrças, e estamos seguros de que, estando entregues em tão boas mãos, podemos estar descansados, que a victoria ha de ser por nós. Os generaes Antas e Povoas nunca na sua vida foram vencidos. Não o hão de ser agora, em que pese aos suissos do despotismo.

As operações militares em breve corresponderão ao caracter da maior revolução que tem apparecido em Portugal.

Uma nação inteira levanta o seu brado contra a oppressão do throno, que quer algemar o paiz, e submette-lo ao seu impolitico capricho.

A questão provoca a um duello de vida ou de morte a todos os Portuguezes, que merecem este nome: o resultado da luta não póde ser duvidoso. A nação inteira grita desde o Guadiana no Douro — *viva a liberdade*, — e a liberdade he do seculo XIX. O throno teve quatro mezes para pensar, e o throno de D. Maria da Gloria que se firmou sobre cadaveres he aquelle que pede mais sangue, e sangue daquelles que por elle comeram o pão do exilio. Quem havera cavalheiro e Portuguez que se recuse a este duelle? Temos generaes; — temos soldados; — temos o povo Portuguez comnosco. O melhor capitão será aquelle que levar estes elementos á victoria com ordem, coragem e disciplina. Quando Catilina batia as portas de Roma, Romanos eram aquelles que defendiam a liberdade. Nestes momentos solemnes calam-se os caprichos, as ambições; — quem promove a desconfiança he inimigo da liberdade. O governo da junta he energico, he diguo da causa que defende. Com este governo, com os nossos principios, e com o coração de Portuguezes, bateremos em pouco tempo esses saleriados da tyrannia.

Aos generaes compete a prudencia, o saber, a boa direcção e combater. Nós temos coragem, temos sangue e profunda convicção de sermos vencedores. Eia, combatamos, pois, pela melhor das causas, e por nós mesmos. A Europa nos contempla sisuda, e breve saberá se o povo portuguez he capaz e digno deste nome.

O coronel visconde d'Azenha partio hoje para a provincia do Minho, não só para inspeccionar os batalhões nacionaes, mas para organisar novas fôrças, indo munido de plenos poderes conferidos pelo Exm. marechal do exercito, conde das Antas.

A revista que hontem teve lugar no Monte-Grande assistiram nada menos de 25 batalhões, e ficaram ainda na cidade e suas avenidas 10 corpos de diversas armas; e temos além disto em operações quatro bellas divisões, commandadas por habeis e valentes generaes.

Temos fôrça e não nos falta valor, a victoria será nossa.

(*Do Nacional* de 26 de fevereiro.)
(*Publicador Maranhense.*)

AMERICA SEPTENTRIONAL

ESTADOS-UNIDOS.

Do *Pennsylvania Inquirer and National Gazette* de 11 de março ultimo extractamos o seguinte:

« O *Jornal do Commercio* diz, sob a autoridade dos *entendedores*, que a especie ora em caminho da Europa para este paiz monta a sete milhões de pesos; todavia, não obstante esta anticipada addição ao dinheiro do paiz, e as recentes importações immensas de moeda, conserva-se esta firme, mas não rara, em Wall-Street. Ha por consequencia mais dinheiro do que havia, quando era abundante; e tendo os bancos avultadas sommas em especie, procuram descontos generosos: porém o *Jornal* attribue a apparente escassez ao grande esforço para se igualarem os cambios do mundo, que esta fazendo o *commercio livre.* »

BOATO D'UMA ACÇÃO

Entre Taylor e Sant'Anna.

O *Delta* de Nova-Orleans de 2 de março contém uma carta de Tampico, datada a 17 de fevereiro, a qual refere, sob autoridade de tres Mexicanos que naquella manhãa tinham chegado de Victoria: « que as fôrças dos Americanos, depois de se retirarem de Saltillo, tinham feito alto em Monterey, e dado batalha aos Mexicanos, commandados por Sant'Anna. Dizem haver sido o conflicto longo e severo, e grande a perda em mortos e feridos. No numero destes conta-se o general Arista »

Diz outra carta posterior que « o boato, posto que seja noticia mexicana, he acreditada por quasi todos os officiaes de Tampico. Além disto, o facto de serem Mexicanos os que dão esta noticia que he contra si, induz a dar-lhe algum credito; porque, como disse acima, ha geralmente algum fogo donde sahe esta especie de fumo. A noticia, como a colhi a noite passada, vai um pouco mais circumstanciada do que a expuz na minha primeira carta. »

« Se o ataque não teve lugar, como se conta, diz uma terceira carta, estou persuadido de que houve alguma escaramuça, qualquer que fosse. »

Dizem haver reinado muita doença entre as tropas de Mississipi e Pennsylvania.

A *Union* de Washington esperava ver dentro em poucos dias a bandeira do seu paiz desenrolada do castello de San-Juan-de-Ulloa.

-- O *Journal of Commerce* annuncia, não se sabe sob que autoridade, que os tres milhões, acerca dos quaes tanto se tem dito e escripto, são para ser empregados na compra da California, ou de parte della.

-- Uma carta de Washington ao *Sun* de Baltimore diz, que John Tyler Junior, filho do ex-presidente dos Estados-Unidos, foi nomeado capitão de infantaria pelo presidente Polk, segundo o novo bill.

COMMERCIO.

Alfandega.

RENDIMENTO DO DIA 22. . . . . 9:702,253

Descarregam hoje 23.

Brigue -- *Loper* -- mercadorias
Hiate -- *Juliet* -- farinha de trigo e bolachinha.
Brigue -- *Iarmouth* -- carvão.

IMPORTAÇAO'.

Juliet, hiate americano, vindo de Baltimore, entrado no corrente mez, consignado a Henry Forster & C., manifestou o seguinte:

979 barricas farinha de trigo, 30 meias ditas ditas de dito, 50 barriquinhas bolachinha; ao consignatario.

Consulado.

RENDIMENTO DO DIA 22.

Geral	3:766,144
Provincial	1:569,076
Diversas provincias	278,914
	5:614,134

Movimento do Porto.

Navio entrado no dia 22.

Baltimore; 40 dias, pilot-bote americano *Juliet*, de 119 toneladas, capitão Hugh S. Walker, equipagem 7, carga farinha e mais generos; ao capitão.

Mar-Pacifico, tendo sahido de New-Bedford ha 29 mezes, galera americana *Washington*, de 344 toneladas, capitão Joseph T. Whelden, equipagem 24, carga azeite de peixe; ao capitão.

Navios sahidos no mesmo dia.

Trieste, com escala por Maceió, barca ingleza *Cumberland*, capitão James Cabel, carga assucar. Passageiros, o primeiro cadete sargento Francisco Martinho de Campos e o anspeçada Antonio José Ramos, ambos do primeiro batalhão de caçadores.

Porto; brigue portuguez *San-Manoel-Primeiro*, capitão José Francisco Carneiro, carga assucar.

Rio-Grande-do-Sul; brigue brasileiro *San-Manoel-Augusto*, capitão Manoel Simões, carga assucar e sal. Passageiros, João Cardoso de Mesquita, e 9 escravos a entregar.

Portos do Sul, vapor brasileiro *Pernambucana*, commandante João Militão Henrique.--Além dos passageiros que trouxe dos portos do Norte, leva a seu bordo: para Maceió, Bento Joaquim de Menezes, Portuguez: para Bahia, Ricardo da Silva Neves, com sua Sra, e 4 escravos, Dr. Agostinho da Silva Neves, com 1 criado: para o Rio-de-Janeiro, deputado José Pedro da Silva, com 1 escravo, deputado Joaquim Nunes Machado, com 1 escravo, Joaquim Francisco Lopes Anjo, Antonio de Almeida Barata, com 1 filho, Brasileiros.

Edital.

Miguel Archanjo Monteiro de Andrade, official da imperial ordem da Rosa, cavalleiro da de Christo, e inspector da alfandega, por S. M. I. que Deos guarde, etc.

Faz saber que, no dia 26 do corrente, ao meio-dia, na porta da alfandega, se hão de arrematar 78 taboas de pinho que serviram de estiva no armazem n. 4, no valor de 53,040 rs.: sendo a arrematação livre de direitos.

Alfandega, 22 de abril de 1847.
Miguel Archanjo Monteiro de Andrade.

Declarações.

-- O Illm. Sr. inspector interino do arsenal de marinha, tendo de encommendar para a Parahiba a madeira de sicupira que precisa para ser empregada na construcção da nova barca de escavação, pelas fôrmas que existem no mesmo arsenal, por estar para isto autorisado pelo governo imperial, manda fazer publico que fará o contrato de compra com aquelles Srs. que d'alli queiram remette-la, ou manda-la vir; devendo apresentar suas prospostas no prazo de 15 dias, contados de hoje, para ser effectuado com o que se compromettа a vende-la de boa qualidade e mais em conta. -- Secretaria da inspecção do arsenal de marinha de Pernambuco, 15 de abril de 1847. -- O secretario, *Alexandre Rodrigues dos Anjos.*

— Por execução dos feitos da fazenda provincial, vão á praça para serem arrematadas por venda, no dia 24 do corrente, por ser a ultima praça, depois da audiencia do Illm. Sr. Dr. juiz do civel da 2.ª vara, os bens seguintes: um sitio com casa de pedra e cal situado na estrada do Hospicio, n. 111, com 630 palmos de frente, e de fundo 1,300, avaliado em 3:200# rs.; uma casa sita nos Afogados, na rua do Motocolombó, avaliada em 450,000 rs.; uma dita mei'agoa n. 12, na rua do Pocinho-da-Panella, avaliada em 350,000 rs.; um terreno na praia de Santa-Rita, por 1:000,000 de rs.

Por execução da mesma fazenda provincial, e pelo mesmo juizo, vão á praça de renda annual, por ser a ultima praça, os seguintes: uma casa terrea na rua Velha, n. 38, por 100,000; uma dita na rua Imperial, n. 89, por 180,000 rs.; uma dita na rua da Gloria, n. 28, por 84,000 rs.; uma dita na rua da Gloria, n. 100, por 84,000 rs.; uma dita na rua Velha, n. 13, por 84,000 rs.; uma dita na rua da Conceição, n. 16, por 96,000 rs.; a casa e sitio Bem-Fica, n. 5, por 450,000 rs.; a casa e olaria, n. 156, na estrada do Giquiá, por 100,000 rs.; a casa de sobrado na rua da Praia, n. 29, por 600,000 rs.; uma dita de sobrado na rua do Amorim, n. 29, por 300 000 rs; uma dita dita na rua de Agoas-Verdes, n.--, por 300,000 rs.; um sitio de terras com casa de sobrado e arvoredos de fructo na estrada de Belém, por 200,000 rs.; um telheiro na estrada do Giquiá, n. 26, por 24,000 rs.; a casa de 3 andares e sotão na rua da Senzalla-Velha, n. 112, por 600,000 rs., e a casa terrea na rua da Gloria, n. 81, por 84,000 rs. A praça tem de ter lugar na sala das audiencias em dito dia acima declarado, ás horas do costume. Recife, 28 de abril de 1847 -- O solicitador da fazenda provincial, *Francisco da Costa Arruda e Mello.*

Theatro publico.

OS 30 ANNOS

da vida de um jogador.

Se representará a beneficio da actriz Leocadia Monteria, domingo, 25 do corrente, com todo o capricho, no theatro publico.

Publicação Geographica.

Aos estudantes de geographia.

Acaba de sahir a luz, nitidamente impressa, a seguinte brochura:

PROBLEMAS DE GEOGRAPHIA PHYSICA E ASTRONOMICA, por E. S. A., um volume in 12.º He a solução pratica dos principaes problemas de geographia terrestre e celeste, para facilitar o estudo desta disciplina, e preparar os estudantes ao respectivo exame. Vende-se por 1,000 rs., na livraria de Santos & Companhia, na rua da Cruz.

Avisos maritimos.

=Segue viagem no dia 25, domingo, impreterivelmente, o muito veleiro hiate *S.-João*, para a Bahia, com escala por Maceió: ainda recebe alguma carga miuda, ou passageiros. Quem pretender dirija-se a bordo do mesmo, ou á rua do Crespo, loja n. 2, que achará com quem tratar.

-- A barca *Boa-Viagem* sahe para o Porto no dia 30 do corrente; ainda recebe alguma carga e passageiros, para o que tem excellentes commodos: os pretendentes dirijam-se ao consignatario, Francisco Alves da Cunha, na rua do Vigario, n. 11, ou ao capitão, João José Rodrigues, a bordo, ou na praça do Commercio.

-- Para a Bahia, a sumaca *Santo-Antonio-de-Padua* ainda póde receber alguma carga miuda e passageiros: quem quizer carregar ou ir de passagem dirija-se a rua do Vigario, n. 5.

--- O hiate *Tentador* sahe para a Bahia, domingo, 25 do corrente, impreterivelmente; recebe apenas alguma carga miuda e passageiros, para o que tem bons commodos: a tratar na rua da Moeda, n. 11, com Silva & Grillo.

Avisos diversos.

SOCIEDADE PHILO-DRAMATICA

O PRIMEIRO SECRETARIO avisa aos Srs. socios, que hoje, pelas 7 horas da noite, ha sessão da sociedade.

O NAZARENO N. 24,

está a venda na livraria da praça da Independencia, ns. 6 e 8. Recommenda-se a leitura do interrogatorio do Sr. Borges da Fonseca, feito na subdelegacia, e de outros documentos muito interessantes.

-- Aluga-se o segundo andar, com um grande sotão, do sobrado n. 46, na rua Nova, por cima da loja de alfaiate, que fica na esquina do becco defronte da botica do Sr. Pinto. As bondades deste segundo andar são taes que, só vendo-se, se poderá apreciar. Os pretendentes dirijam-se a sobredita loja de alfaiate.

Arrematação publica.

Sabbado, 1.º de maio proximo, tem de ser arrematada, por ser a ultima praça, pela segunda vara do civel, Dr. Nabuco, logo que se finde a audiencia, e na sala das mesmas, de renda annual, e por tempo de um anno, a requerimento dos consenhoses, a casa da esquina da rua do Crespo, que volta para a rua do Collegio, de 3 andares e sotão, duas lojas, e uma dellas optima, por ser na rua do Crespo e ter 4 portas de frente; a qual foi avaliada por 700,000 rs. Os pretendentes compareçam no indicado dia, se desejam obter um dos melhores estabelecimentos, e com todos os mais commodos para a moradia, sem o menor sacrificio de luvas ou empenho, porque tem de ser entregue ao mais animoso dos concurrentes, que este he sómente o empenho dos interessados.

---Perdeu-se, do Recife até a rua estreita do Rozario, uma carteira verde de marroquim, grande, com 43,000 rs., sendo 4 notas de 10,000 rs. uma de 2,000 rs., e outra de 1,000 rs.; duas cartas, uma para o escrivão da camara episcopal de Olinda, e outra para o retor do seminario da mesma cidade. Quem a achou, não querendo restituir o dinheiro, faz um grande obsequio em restituir as cartas; e não querendo entregar pessoalmente póde dirigir-se a praça da Independencia, n. 3, e mette-las por baixo da porta; e se troucer tudo perfeito, será recompensado.

—Aluga-se, por 8,000 rs., uma optima casa com 2 salas, 6 quartos, copiar, cozinha e quintal murado, sita na rua Imperial, n. 187: a tratar na rua Direita, n. 82.

-- Quem annunciou querer comprar um bom relogio de ouro, de sobonere, querendo ainda, dirija-se a loja de louça, n. 68, atras do Corpo-Santo, de Antonio Dias Souto.

— O Sr. João Xavier da Maya queira dirigir-se atrás do Corpo-Santo, n. 68, loja de louça, que se lhe quer fallar a negocio de seu particular interesse.

-- Aluga-se o segundo andar da casa da rua da Senzalla-Nova, n. 14: a tratar na rua do Vigario, n. 19.

-- O abaixo assignado faz certo que tem dissolvido a sociedade que tinha na loja de miudezas debaixo da firma de Henriques & Companhia: ficando a seu cargo pagar aos credores e receber dos devedores á mesma firma, por isso que ficou com o estabelecimento sobre si. Recife, 16 de abril de 1847.
Joaquim Henriques da Silva.

— Os abaixo assignados fazem publico que José de Almeida Nunes Lima deixou de ser seu caixeiro desde o dia 19 do corrente -- *Braga, Silva & C.*

—Arrenda-se um sitio, muito perto da praça, com casa de vivenda, duas excellentes baixas, uma de capim e a outra para qualquer plantação, duas cacimbas d'agoa de beber, e com bastantes arvoredos de fructo: na rua Velha, n. 26.

-- Roga-se a quem for offerecido um rolo de fumo, já aberto e quasi no meio, o favor de o apprehender e levar a rua larga do Rozario, venda n. 37, que será recompensado.

-- Precisa-se de uma ama de leite: no Forte-do-Mattos, rua do Codorniz, n. 12, preferindo-se captiva.

— Antonio Joaquim Gonçalves Guimarães retira-se para o Rio-de-Janeiro.

— José Carvalho da Costa embarca o seu escravo Jacintho, de nação Angola, para o Rio-Grande-do-Sul.

-- Quem annunciou ter um tanque de amarello, com gatos de madeira de sicupira, que leva 400 a 500 cargas de mel, annuncie sua morada, e onde o tem.

—Precisa-se de um amassador preto ou branco, que entenda de padaria: na rua da Florentina, n. 3.

— Perdeu-se uma carteira de marroquim verde, contendo a quantia de 45,000 rs. em cedulas de 1,000 e 10,000 rs, e mais umas relações de botica; um rol de encommendas, umas lettras de pessoas do sertão, e mais umas cartas. As ditas lettras só a pessoa que as perdeu he que as póde receber: quem a tiver achado e quizer restitui-la, leve-a na loja do Lamego, na rua do Crespo, que será gratificado.

—Jacintho Antonio Affonso retira-se para fóra do imperio, e parece-lhe nada dever; mas se houver alguma pessoa que se julgue sua credora, apresente suas contas no prazo de 8 dias para promptamente ser satisfeito. O annunciante constitue seus bastantes procuradores aos Srs. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, José Joaquim Dias Fernandes e Ponciano Lourenço da Silva.

—Precisa-se de um moleque que saiba comprar e que seja fiel: tambem se precisa de uma ama que seja perita cozinheira, lave, engomme e dê fiador a sua conducta: na Soledade, sitio do Sr. Joaquim Xavier da Maya, se dirá quem precisa.

=Alugam-se tres grandes casas terras com 3 salas, 6 quartos, cozinha, grande quintal e cacimba, na rua Formosa, ns. 2, 6 e 7; outra dita na rua da União, n. 4, por 14,000 mensaes: quem pretender, dirija-se ao escriptorio de F. A. de Oliveira & Filho na rua da Aurora, n. 26.

---Precisa-se de uma ama de leite para criar um menino: na rua Nova, loja de ourives, n. 32.

-- Precisa-se alugar uma casa, sendo de um só andar e bons commodos, sita na freguezia de Santo-Antonio ou S.-José; tambem se alugam os baixos havendo quem tenha e queira alugar, poderá dirigir-se ao largo do Livramento, venda n. 20, que achará com quem tratar.

--- José Manoel Alves, Portuguez, retira-se para Lisboa.

-- Precisa-se de uma ama que lave e engomme perfeitamente, e que dê fiador a sua conducta: na rua larga do Rozario, n. 26, segundo andar.

--Archibald Mc. Callum retira-se para fóra da provincia.

-- José Antonio de Souza, capitão do patacho *Novo-Temerario*, tendo encontrado nesta cidade outras pessoas de igual nome (e até mesmo nos da sua occupação), faz sciente ao publico que d'ora em diante se assignará José Antonio Candido de Souza.

-- Offerece-se um rapaz brasileiro para caixeiro de engenho, ou outra qualquer arrumação: quem de seu prestimo se quizer utilisar, dirija-se a rua Direita, n. 24, ou annuncie.

-- O doutor José Bento da Cunha e Figueiredo acha-se residindo actualmente no Aterro-da-Boa-Vista, n. 37, segundo andar, continuando porém a ter o seu escriptorio no mesmo andar da casa n. 46, da rua Nova.

-- Nicoláo Machado Freire pede a todas as pessoas que lhe ficaram a dever sorvetes no Monteiro, que hajam de os ir pagar.

-- Precisa-se de um caixeiro: na rua larga do Rozario, padaria, n. 48.

-- Quem precisar de uma preta para todo o serviço de uma casa estrangeira, ou de outra qualquer de pouca familia, dirija-se a rua da Moeda, no Recife, n. 35.

-- Aluga-se um bom armazem para assucar, ou deposito de qualquer outro genero, sito no becco da Moeda, bairro de Recife: a tratar na rua das Trincheiras, n. 50.

Aqui não ha usura.

Dá-se dinheiro a premio com penhores de ouro, mesmo em pequenas quantias: na travessa dos Martyrios, n. 2.

Fabrica de chapeos de sol, no Passeio-Publico, n. 5.

Neste estabelecimento se recebeu uma porção de chapeos de sol furta-côres, da ultima moda de Paris. O mesmo estabelecimento tem a mesma fazenda para cobrir armações, com toda as galantarias precisas para as mesmas; tambem tem chapeos de sol de panninho, muito proprios para feitores de engenho, por serem de muito boa fazenda e muito grandes, pois teem a serventia para as duas estações de verão e inverno: tambem se faz todo e qualquer concerto nos mesmos, pois para isso tem todos os necessarios, e promette toda a promptidão.

-- Pelo novo destino que deu ao edificio da sua residencia na rua do Hospicio, poderá o Dr. Sarmento receber em sua casa doentes que desejem vir tratar-se nesta cidade. Serão recebidos não só os doentes de qualquer sexo e condição que sejam, mas tambem as pessoas, ou familias, que os quizerem acompanhar.

A officina de encadernação que o padre F. C. de Lemos e Silva dirije na rua de S.-Francisco, antigamente Mundo-Novo, n. 66, acha-se provida de todo o necessario para o bom desempenho de qualquer obra de encadernação, por mais rica que seja: assim como tem e apromptа quaesquer emblemas appropriados as mesmas obras.

-- Precisa-se de um homem portuguez para feitor de um engenho distante desta praça 12 legoas: na rua da Cadeia do Recife, n. 55.

MUTILADO

-- Os abaixo assignados, tendo, em 8 de julho de 1846, dissolvido amigavelmente a sociedade que tinham nas lojas da rua Nova n. 8 e esquina do Cabugá n. 11, que gyravam debaixo da firma de Amaral & Pinheiro, julgam nada dever pertencente á dita firma; e quem se julgar credor queira apresentar suas contas para serem satisfeitas: e declaram mais, que a loja da rua Nova n. 8 ficou pertencendo a José de Alenquer Simões de Amaral, e a da esquina do Cabugá n. 11 a Manoel Pinheiro de Mendonça, ficando a cargo de ambos a cobrança das dividas activas. Recife, 21 de abril de 1847. -- *Manoel Pinheiro de Mendonça.* — *José de Alenquer Simões do Amaral.*

-- Um homem branco, casado, já de idade, quer ser empregado em administração de algum engenho: qualquer Sr. de bom comportamento que o queira sem resalvo nenhum, o póde procurar no engenho Moreno a Thomé Correia de Araujo, ou annuncie por esta folha, para se fazer o ajuste.

-- Antonio da Silva Ferreira Santos, subdito portuguez, retira-se para fóra do imperio.

-- Precisa-se alugar um preto para o serviço leve de um armazem, pagando-se-lhe mensalmente 12$ rs. e o sustento: na rua do Trapiche, n. 34.

-- Dá-se dinheiro a premio, até a quantia de 400$ rs., com penhores de ouro ou prata: na rua Nova, n. 9, se dirá quem dá.

-- No sitio da caixa d'agoa, na rua do Pires, precisa-se de um feitor que entenda de plantações e trabalhe de enxada.

-- João José Rodrigues vai ao Rio-de-Janeiro.

-- Precisa-se de uma menina de 11 a 13 annos, para andar atrás de uma criança; quem estiver nestas circumstancias, ou alguem que tenha alguma filha que queira dispôr della para esse fim, dirija-se a rua atrás da matriz da Boa-Vista, sobrado n. 28, segundo andar.

-- Precisa-se alugar um escravo para carregar pão e fazer o serviço diario de uma casa: na rua do Pires, padaria n. 44.

-- Aluga-se, a uma pessoa capaz, metade de uma casa, com dous quartos, por 4,000 rs.: quem pretender dirija-se a Boa-Vista, travessa do Capim, n. 1.

-- Firmino J. F. da Rosa agradece a todos os Srs. que se prestaram a auxiliar o seu estabelecimento, na rua da S.-Cruz, do incendio principiado na noite do dia 20 do corrente.

ATTENÇÃO.

O abaixo assignado se dirige a todas as pessoas que, attendendo as suas más circumstancias e perseguicões que tem soffrido, o teem beneficiado, rogando-lhes que não só lhe aceitem este pequeno, mas sincero testemunho de sua gratidão, mas tambem que, se o abaixo assignado se encontrar com alguma das pessoas referidas, e não a comprimentar, como o exigem sua gratidão e dever, se dignem de o desculpar, attendendo ao seu máo conhecimento e a imperfeição de sua vista, bem que ainda moço. Esta lhana exposição de sua alma, prova não equivoca de seus sentimentos, comprehende não só a todos que o teem beneficiado outr'ora, principiando do começo de seus estudos, como tambem aos que o estão fazendo presentemente, de um e outro credo politico, tanto desta capital como de seus arredores. — *Joaquim Francisco Baptista de Mello Oxalá*, estudante em direito até o quarto anno.

-- Precisa-se de um criado de 12 a 14 annos, para um homem solteiro, fóra desta praça: no Collegio-S.-Antonio.

— Aluga-se o primeiro andar do sobrado da rua da Cruz, n. 18, optimo para escriptorio, ou moradia de homem solteiro: a tratar no segundo andar do mesmo sobrado, de manhãa até as 10 horas, e de tarde das 3 em diante.

Sorvete

No Aterro-da-Boa-Vista, defronte da casa do Sr. coronel Chabi, continúa a haver sorvete de varias fructas, a 200 rs., tendo principio as 5 horas da tarde.

-- Precisa-se de um criado: no pateo do Terço, sobrado n. 9.

— Alugam-se os dous andares da casa da rua da Cruz, n. 40, sendo o segundo aonde esteve o consulado inglez, e o quarto andar com sotão e cozinha, optimo para uma familia; todos por preço commodo: a tratar no primeiro andar da mesma casa.

-- Deseja-se saber em que lei, regulamento, ou o que quér que seja, existe o poder de dar-se um guarda municipal para camarada dos Srs. officiaes? A quem responder dará um mez de serviço gratuito

O Atropelado.

-- Dá-se dinheiro a premio com penhores de ouro, mesmo em pequenas quantias: na rua de S.-Rita, n. 18, se dirá quem dá.

— Uma pessoa capaz se offerece para tomar escravos de commissão para os vender: quem de seu prestimo se quizer utilisar, dirija-se a travessa do Rozario, loja de encadernador, n. 2.

-- **Manoel da Silva Santos, vende farinha de trigo da verdadeira marca SSSF, chegada ultimamente a este mercado.**

Agencia de passaportes.

Na rua do Collegio, n. 10, e no Aterro-da-Boa-Vista, loja n. 48, continuam-se a tirar passaportes tanto para dentro, como para fóra do imperio; assim como despacham se escravos: tudo com brevidade.

— Aluga-se uma casa no Aterro-da-Boa-Vista, n. 68, propria para negocio, e que tem duas camarinhas, sotão, cozinha fóra, quintal e cacimba: a tratar na rua Nova, n. 32, loja de ourives.

— O bacharel formado Francisco Pereira Freire, ex-procurador-fiscal da thesouraria de fazenda da provincia das Algôas, propõe-se a advogar no fóro desta cidade, tanto no civel como no crime, e no administrativo, requerendo o direito e justiça daquelles que o procurarem, perante o governo da provincia, thesouraria, alfandega, mesa do consulado, ect. He a sua residencia na rua do Queimado, n. 6, primeiro andar, onde o acharão a qualquer hora do dia.

--- João Paulo Ferreira Dias retira-se para o Rio-de-Janeiro com sua familia, levando em sua companhia o seu sobrinho Joaquim Victor de Miranda, e seus dous escravos Florinda da Costa, e Cassiano, crioulo.

--- Na rua do Sebo, n. 3, empresta-se dinheiro a juros com penhores de todas as qualidades, em pequenas porções.

Compras.

-- Compram-se alguns pés de fructa-pão de massa, já mudados para pequenos caixões: na rua larga do Rozario, junto ao quartel de policia, loja n. 20, se dirá quem compra.

— Compra-se um par de mangas de vidro: na rua Direita, n. 9.

-- Compra-se um cavallo carregador baixo até meio, e que tenha bonita figura: nas Cinco-Pontas, padaria n. 154.

-- Compram-se, para uma encommenda, escravos de ambos os sexos; pagam-se bem: na rua Nova, loja de ferragens, n. 16.

-- Compram-se moleques de 12 a 20 annos, e pretas da mesma idade; sendo de bonitas figuras pagam-se bem: tambem se compram alguns officiaes de sapateiro: na rua da Concordia, passando a pontezinha, a direita, segunda casa terrea.

-- Compram-se, nos açougues de João Dubois, ao pé dos quarteis, moedas de prata de 160 rs. a 102 por cento de premio sobre papel, e a mais a cento por cento em pagamento.

-- Compra-se o drama o Judeu, pelo seu dobrado valor: no botiquim junto ao theatro.

— No botiquim da Cova-da-Onça, na rua larga do Rozario, n. 34, continúa-se a comprar cobre para troco.

Vendas.

Vendem-se sapatos de lustro para senhora; ditos de duraque, francezes, pretos e de côres; ditos de setim; ditos de panno e de marroquim para homem e senhora; ditos de lustro e de marroquim para meninas; sapatões de lustro e de bezerro, francezes e inglezes; ditos de Nantes, de pala e de tres solas; borzeguins inglezes, proprios para a chuva; ditos francezes, para homem, senhora e meninas; chiquitos de lustro, de marroquim e de laã, para meninos, e outros muitos calçados chegados de França pelo ultimo navio; assim como um completo sortimento de perfumarias: o que tudo se venderá por commodo preço: na praça da Independencia, loja ns. 13 e 15, de Joaquim Pereira Arantes.

--- Vende-se uma armação envidraçada, propria para alfaiate ou miudezas, que tem 80 vidros grandes, pelo preço de 80,000 rs.: na rua Nova, loja de ourives, n. 32.

--- Vende-se salitre e enxofre de muito boa qualidade e por menos do que em outra qualquer parte: no escriptorio de Claudio Dubeux, na rua das Larangeiras, n. 18.

— **Vendem-se tres peças de armação, envidraçadas, para loja, por muito commodo preço: na rua Nova, n. 23.**

-- **Vende-se a verdadeira e superior potassa da Russia, branca e em barris pequenos: na rua da Cadeia do Recife, armazem n. 12, de Baltar & Oliveira.**

--- Vendem-se 3 lindos moleques de 16 a 18 annos; um pardo de 18 annos, optimo para pagem; tres pretos de 20 a 24 annos, de bonitas figuras, sendo um delles bom carreiro; uma parda de 24 annos, com habilidades; duas pretas com algumas habilidades; uma preta de idade, por 180,000 rs.: na rua do Collegio, n. 3, segundo andar, se dirá quem vende.

--- Vende-se um chão na cidade de Olinda, na rua de Mathias Ferreira, ao pé da Senhora D. Dionizia, com alicerce, oitão meieiro com a dita senhora; uma casa na rua do Cotovello, n. 19; uma dita na rua de S.-Thereza, n. 17; 3 ditas na rua Imperial, ns. 44, 46 e 48; 5 ditas na rua Augusta, ns. 53, 55, 57, 59 e 61; duas ditas de taipa na rua Imperial, ns. 204 e 206; 8 ditas de pedra e cal, ns. 210, 212, 214, 216, 218, 220, 222, 224 e 226; uma escrava que está no deposito geral, de nome Iria, para pagamento de decimas; 3 canoas, sendo uma dellas boa para abrir; uns poucos de porcos. As casas vendem-se metade a vista e metade a prazo de 3 annos, ou mais, pagando o juro de um por cento, com hypotheca nas mesmas.

— Vende-se arroz pilado branco; dito vermelho, tanto por alqueire velho como a peso; feijão ordinario para escravos; tudo por barato preço: na rua da Praia, venda n. 39.

— Vende-se, por commodo preço, um casal de rôlas de Hamburgo, brancas: na rua Direita, n. 102.

— Vendem-se 12 cadeiras de oleo, ainda novas, a 4,000 rs. cada uma; uma marqueza de angico tambem nova, por 20,000 rs.; um par de banquinhas de jacarandá modernas; uma dita de meio de sala; uma commoda de angico, por 25,000 rs.; e uma cama de casado com colxão e enxergão, tudo perfeitamente novo, por 40,000 rs.; e mais alguns objectos, tudo por por preço que agradará ao comprador: na rua da União, junto a typographia.

A ESTRELLA DA NOITE.

Lindissima valsa para piano: vende-se na rua da Cadeia do Recife, loja de viuva Cardozo Ayres & Filhos: preço, 500 réis.

--- Vende-se, no primeiro andar do sobrado n. 3 da rua do Aterro-da-Boa-Vista, uma arroba de prussiato de potassa (*cyanoferruro de putassium*).

-- Vendem-se chitas limpas, bons pannos, a meia pataca o covado, e a peça a 5,700 rs.; sarja preta de boa seda limpa, a 1,280 rs. o covado; um Guarda-Livros moderno em bom uso; uma canoa aberta, de conduzir familia: na rua estreita do Rozario, n. 10, terceiro andar.

— Vende-se um preta optima para o serviço de campo, de 25 annos pouco mais ou menos, e de bonita figura: na rua da Cruz, n. 28, segundo andar, casa de Lima Junior & C.

— Vende-se um carro de duas rodas, bem construida, e quasi novo, por preço commodo: na rua do Hospicio, cocheira do Emilio Francez.

— Vendem-se 4 escravos, sendo: um escravo peça, de boa figura, de 18 annos, meio official de sapateiro de toda a obra virada, e que he proprio para pagem; um dito crioulo, de 26 annos, de boa figura, proprio para todo o serviço; uma parda de 26 annos, que cozinha, lava de sabão e cose chão; uma linda mulatinha de 10 annos, propria para ser educada: na rua das Cruzes, n. 22, segundo andar.

— Vendem-se sapatos de Nantes, de uma e duas salas; ditos de costura; ditos de 3 solas, proprios para o inverno; sapatos inglezes; borzeguins e botins ditos; borzeguins, a 3,600 e 7,000 rs.; sapatos de duraque para senhora e meninas; um completo sortimento de sapatinhos para meninos; ditos de lustro com fitas para meninos, e outras muitas qualidades de calçado, chegado de França pelo ultimo navio: na rua da Cadeia do Recife, loja do Moreira, n. 35.

— Vende-se uma rica caixa de musica, com caixa de charão, por preço commodo; curso da historia da philosophia, por V. Cousin, 2,000 rs.; frascos de graixa de lustro de nova invenção, a 500 rs. cada um, pois serve para qualquer couro; conhecimentos, a 20 rs. cada um, e o cento a 1,000 rs.: na rua do Crespo, loja de miudezas, n. 11.

--- Vende-se uma cama de angico, moderna, em muito bom uso, por preço commodo: na rua das Trincheiras, n. 31, casa do nicho.

--Vendem-se saccas grandes com milho furado, a 2,000 rs: a sacca, e caixas com charutos regalia a 1,200 rs. no primeiro armazem do caes da Alfandega.

--Vende-se uma excellente casa terrea, com commodos para uma grande familia, sita nesta praça: a tratar no principio da rua Imperial, n. 9.

CHEGUEM AO BARATO!

Vendem-se casaes de pombos grandes, bons batedores, bonitos e de uma raça excellente, por um preço muito rasoavel. A elles, antes que se acabem. Na rua da Florentina, casa de porta e janella, defronte da cocheira do Sr. Sebastião.

—Vendem-se sementes de hortalice de todas as qualidades, chegadas proximamente do Porto, por preço commodo: na rua estreita do Rozario, venda n. 8.

— Vende-se uma preta muito moça, sadia, de bonita figura, com principios de engommar, cozinhar, coser e lavar muito bem: na rua do Rangel, n. 26, primeiro andar.

--- Vende-se uma escrava de nação, muito fiel, que cose liso, marca, engomma, faz lavarinto e cozinha o diario de uma casa: na rua do Vigario, n. 14, segundo andar.

— Vende-se ou arrenda-se a engenhoca denominada Limeirinha, sita na freguezia de Tracunhãem, de optima producção, e de bom assucar, capaz de um principiante arranjar-se: a tratar no engenho Tamotoúpe-de-Flores.

Potassa da Russia,

pelo preço de 180 rs. a libra, em barris pequenos: na rua da Cruz, n. 10, armazem de Kalkmann & Rosenmund.

— Vende-se um piano muito bom, por 250,000 rs., com cadeira e excellentes musicas de cantoria: na rua da S.-Cruz, n. 22.

— Vende-se um escravo de Angola, do serviço de campo, por 260,000 rs.; dous relogios de ouro: na rua Direita, sobrado n. 29.

--- Vende-se cal virgem em meias barricas, chegada ultimamente; caixas vasias para assucar; uma porção de pesos de ferro, de duas arrobas; serras grandes para serrar madeira; tudo por preço commodo: na rua da Moeda, armazem n. 17.

POTASSA DA RUSSIA, A 180 E 200 RS.

Cunha & Amorim vendem potassa russiana nova e de boa qualidade, pelo diminuto preço de nove vintens e dous tustões a libra: na rua da Cadeia-Velha, n. 50.

-- Vendem-se saccas com a mais superior farinha que existe no mercado, a 3,200 rs.: na rua Direita, n. 9

— **Vendem se VELAS de cera do Rio-de-Janeiro e de Lisboa, grande e completo sortimento: na rua da Senzalla-Velha, armazem n. 110, de Alves Vianna**

-- **Em casa de Manoel da Silva Santos, no rua da Cadeia, n. 4, vendem-se caixas contendo cada uma doze garrafas de superior azeite de oliveira.**

NA RUA DO QUEIMADO, N. 11.

Vendem-se lindas mantas de seda, muito finas, as mais modernas que ha, proprias para senhora e meninas, a 3,200 rs.; córtes de cassa de côres fixas, e de lindos padrões, a 4,000 rs.; sarja hespanhola; dita franceza; lós pretos; tudo por menos de seu valor, por ter acabado a Quaresma: na loja nova, de B. C. Leite.

— Vende-se um bonito mulatinho claro de 20 annos, de boa conducta, proprio para pagem, por ser bom cavalleiro: na rua estreita do Rozario, n. 10, terceiro andar.

PANNOS PRETOS FINOS

e novos na loja; velludo preto; chamalote de seda, para colletes e gollas; setim macau; o verdadeiro brim trançado de listras de côres: na rua do Queimado, loja nova, n. 11, de Raymundo Carlos Leite.

-- A bordo do brigue *Independente*, fundeado defronte do Collegio, vende-se sebo em rama e carne secca, por preços commodos, boa fazenda.

= Vendem-se moendas de ferro para engenhos de assucar, para vapor, agoa e bestas, de diversos tamanhos, por preço commodo; e igualmente taixas de ferro coado e batido, de todos os tamanhos: na praça do Corpo-Santo, n. 11, em casa de Mc. Calmont & Companhia, ou na rua de Apollo, armazem, n. 6.

= Vende-se uma parda de muito bonita figura, que cozinha bem o diario de uma casa, lava de sabão e varrella, cose chão, e he muito boa para casa de familia: na rua do Collegio, n. 16, terceiro andar.

— Vendem-se dous moleques de 12 a 15 annos; um mulatinho de 12 annos; um escravo bom carreiro; 10 escravas, sendo algumas de nação, com bastante pratica do serviço de campo, de 16 a 28 annos: na rua Direita, n. 3.

Escravos Fugidos.

-- Fugio, no domingo, 18 do corrente, uma preta, de nome Genoveva, de nação da Costa; levou cabeção de algodão, saia de chita branca com ramos miudinhos; he alta, com um talho grande nas costas, signal de sua terra, falla muito atravessada. Recommenda-se as autoridades policiaes, e capitães de campo de a pegarem e levarem a rua da Conceição da Boa-Vista, n. 46, que serão generosamente recompensados.

— Fugio, no dia 15 do corrente, um preto, de nome Caetano, crioulo, da freguezia da Muribeca, com os signaes seguintes: de mediana estatura, cheio do corpo, espadaúdo, faces grosseiras, nariz chato, dentes alguma cousa alvos e perfeitos, e os da parte superior meio abertos, olhos naturaes, cabeça um tanto grande, côr fula; tem do lado esquerdo sobre o peito para as costellas uma grande marca de caustico, de pouco tempo, e das costas procurando as cadeiras, uma marca de menos de pollegada que parece signal ou queimadura, pés um tanto largos; he muito fallante, e he provavel que tenha ido para as partes de Itamaracá aonde foi criado, ou para Maria-Farinha, ou que se offereç a a andar em alguma barcaça, pois he canoeiro. O abaixo assignado roga a quem o pegar, sendo no Recife, de o levar no armazem do Sr. José da Silva Campos, que será recompensado, e fóra da praça, no engenho S.-Bartholomeu, em Muribeca; fugio com camisa encarnada e calças de algodãozinho azul de listras, chapeo de palha e uma trouxinha em um lenço vermelho. -- *Silvano Thomaz de Souza Magalhães.*

— No dia 23 de março do corrente anno, 3 individuos do sertão furtaram do engenho Camorim-Grande, um escravo crioulo, de nome Pascoal, muito moço, pouca barba, nariz chato e grosso, estatura mediana, falla grossa, pés limpos e não grandes, orelhas furadas para brinco; gosta muito das cantigas e danças dos pretos de Angola: quem delle der noticias, ou conduzi-lo ao dito engenho, será generosamente recompensado.

--- No dia 6 do corrente mez, fugio um escravo de nome Manoel, de idade 25 annos, de estatura regular, rosto redondo, nariz achatado; levou vestido calça de brim crú, camisa de madapolão, e chapeo de palha de abas muito largas; he muito cachaceiro, quando está bebado arma desordens, e he muito ladrão tem sido visto n'outra banda, nos Afogados; para as bandas do engenho do Meio: avisa-se á pessoa que o tem acoitado, e o traz no seu serviço, de que já ha noticia, e que em 24 horas o venha restituir a seu senhor, se não quizer ficar subjeito as penas da lei; e roga-se a quem o pegar que o traga a rua da Soledade, n. 32, onde será generosamente recompensado.

-- Fugio, na madrugada de 21 do corrente, de bordo do brigue *Norma*, o escravo crioulo, de nome Felix, altura regular, bastante secco do corpo, rosto comprido, côr fula; levou calças de riscado azul e camisa branca, intitula-se por forro, sabe ler e he muito esperto e bem conhecido nesta praça, por ter em outro tempo pertencido a Antonino José de Miranda Falcão. Dito escravo veio do Rio-de-Janeiro sob pretexto de forro; foi capturado pela policia e o Sr. subdelegado da freguezia de S.-José, como consta do *Diario-Novo*; e sendo conhecido da propria pessoa que o comprou áquelle Miranda, por João de Carvalho Rapozo, este Sr. o vendeu em Santos ao capitão do brigue *Encantador*, João Francisco Fernandes; os abaixo assignados o reclamaram como encarregados dos negocios deste nesta praça, e lhes foi entregue no dia anterior, sob fiança dos mesmos, como consta do *Diario de Pernambuco* de 20 do corrente. Em consequencia não só do comprometimento em que se acham os abaixo assignados, como para constar a quem pertence, os abaixo assignados offerecem desde já cem mil rs. a quem o possa capturar e trazer a rua da Cadeia, n. 45, recommendando-se não só as autoridades policiaes da provincia, como a todos os capitães de campo.

Amorim Irmãos.

— Fugio, no dia 6 de agosto de 1842, um pardo, de nome José, de 20 annos, cabello bom e vermelho, que com a côr que tem, passa por branco, olhos amarellos, cara redonda, beiços grossos; tem da parte direita um dente tirado no queixo superior, dentes limados, falla meia tata; tem uma barroca na testa de um couce que lhe deu um cavallo, que estando com o cabello grande adiante encobre o talho da testa, cheio do corpo; quando fugio ainda não tinha barba; he rendido de uma verilha, que estando de calças apparece a quebradura, quando anda he com os joelhos cahidos para adiante. Roga-se as autoridades policiaes e capitães de campo de o apprehenderem e levarem ao seu legitimo senhor, no engenho Moreno, freguezia de S.-Amaro-Jaboatão, que serão gratificados generosamente.

-- Fugio, em dezembro de 1839, uma parda de nome Antonia, de 50 annos pouco mais ou menos, cabellos meio vermelhos e ralos, testa grande, olhos acastanhados, nariz grande e meio carcundo, beiços grossos, dentes limados e o da parte direita ou esquerdo do queixo superior tirado; tem na barroca da barba um signalzinho preto da parte direita, peitos escorridos, secca do corpo, não he alta nem baixa, quando anda he escanchada, pés curtos e os dedos abertos; he parda clara, bebia fumo, sabe coser e fazer renda, mas tudo faz de oculos; tambem aparteja e benze quantas bruxarias ha: quem a pegar leve ao engenho Moreno, em S.-Amaro-Jaboatão, que será recompensado.

-- Fugio, no dia 21 do corrente, uma preta, de nome Josepha, do gentio de Angola; representa ter 40 annos, estatura alta, bastante gorda, cara larga, andar descansado; levou vestido de metim preto, ainda novo, e panno da Costa azul com listras brancas; foi escrava do Sr. Joaquim Antonio de Farias Barboza, morador na rua do Rangel, a quem foi comprada o mez passado: quem a pegar leve a rua das Larangeiras, n. 18, que será recompensado.

PERN.: NA TYP. DE M. F. DE FARIA. — 1847.